



## **Mobilidade e acesso às tecnologias no campo educacional a partir da percepção de alunos da EJA**

Alessandra Fonseca Farias<sup>1</sup>

### **Resumo**

Trataremos neste artigo de discutir os conceitos de mobilidade e interação com o mundo tecnológico através dos escritos de autores como Pretto (2008) e (2010), Lemos (2009), Lalueza (2010), Vandresen (2011) e Amiel (2012), buscando também relacionar este tema com o campo educacional e mais especificamente com a percepção de alunos de uma sala de EJA - Educação de Jovens e Adultos, com os quais realizamos uma intervenção para a realização deste trabalho. Esta discussão nos dá base para afirmar que um novo desafio é colocado à escola: o de aproximar a tecnologia à sua práxis educativa, estando preparada para trabalhar com os alunos que já estão conectados, compartilhando e se relacionando através da rede e, como também, que seja capaz de aproximar as tecnologias aos que delas ainda são estranhos, sujeitos que com dificuldade resistem numa sociedade quase que completamente tecnológica. Portanto, é papel da escola superar as necessidades de aprendizagem dos alunos, aproximando a práxis educativa do ritmo da sociedade tecnológica, criando condições para que os alunos sejam acima de receptores de informações e conhecimentos, também produtores e divulgadores de suas ideias, culturas,

---

<sup>1</sup> Aluna do programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação – da Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT – UNESP – Campus de Presidente Prudente. Linha de Pesquisa: Políticas Públicas, Organização Escolar e Formação de Professores. E-mail: alessandra.farias90@gmail.com



informações, colaborando assim com a diminuição das desigualdades de acesso às tecnologias no nosso país.

**Palavras-chave:** Tecnologia; Mobilidade; Inclusão Digital.

### Resumen

Abordaremos en este artículo una discusión de los conceptos de movilidad e interacción con el mundo tecnológico a través de los escritos de autores como Pretto (2008) y ( 2010 ), Lemos ( 2009 ), Lalueza ( 2010 ), Vandresen (2011) y Amiel ( 2012 ) tratando también de relacionar este tema con el ámbito educativo y más específicamente con la percepción de estudiantes en una sala de educación de adultos con los que llevamos a cabo una intervención para este trabajo. Esta discusión subyace la afirmación de que un nuevo reto se plantea a la escuela: lo de aproximación entre tecnología y sus praxis educativas, estando capacitada para el trabajo con los estudiantes que ya están conectados, compartiendo y relacionándose a través de la red y, además, capacitada para llevar las tecnologías a los que todavía la desconocen, sujetos con dificultades para resistir en una sociedad tecnológica casi por completo. Por lo tanto, es papel de la escuela superar las necesidades de aprendizaje de los estudiantes, acercando sus praxis educativas al ritmo de la sociedad tecnológica, creando condiciones para que los estudiantes sean aparte de receptores de información y conocimiento, pero también productores y difusores de sus ideas, cultura, informaciones, contribuyendo así con la reducción de las desigualdades en el acceso a la tecnología en nuestro país.

**Palabras-clave:** Tecnología; Movilidad; Inclusión Digital.

### Introdução

Como afirma Vandresen (2011), a partir dos anos 80 com a criação da internet acontece o que esta autora chama de “invasão tecnológica”, fenômeno que tem



caracterizado crianças, jovens e adultos como os ditos “nativos digitais”, isso, pois eles além de esbanjar de facilidade ao manusear desde muito cedo aparelhos e dispositivos tecnológicos, também estão acostumados a receber diversas informações em um curto espaço de tempo, interagindo via rede com pessoas e lugares. E para ela, esse convívio com a tecnologia “gera sujeitos que se caracterizam por receberem informações muito rápido, por utilizarem acessos randômicos como hipertextos e funcionarem melhor *na* e *em* rede” (VANDRESEN, 2011, p. 12658).

Ao apropriarmo-nos da tecnologia em nosso dia-a-dia, utilizamo-nos dela para executar diversas tarefas corriqueiras como ler um livro, agora disponível em formato online *e-book*; ir ao banco, onde quase todas as transações podem ser executadas facilmente através do *internet banking*, serviço do qual atualmente todos os bancos dispõem; procurar uma receita, que passa do caderninho da vovó para infinitas páginas de busca online e, mais que isso, através de vídeos é possível ver passo a passo a mistura de ingredientes, o que deve ser feito e qual o resultado antes mesmo de testar; “até mesmo os aspectos mais pessoais, como os rituais de namoro e casamento (...) têm a sua regulamentação alterada, dada as novas formas de interação vivenciadas na cultura digital” (PRETTO, 2008, p. 78).

(...) nas sociedades tradicionais, e mesmo nas cidades modernas da era industrial, as relações sociais estavam circunscritas basicamente ao espaço e ao tempo imediato. A maioria dessas relações eram pessoais e aconteciam no seio de pequenas comunidades: a família, a vizinhança, o povoado onde residia. A socialização, entrada em um âmbito cultural, a apropriação dos significados da própria cultura, ocorria a partir da relação entre esses sistemas. Em contraposição a isso, a proliferação atual das TIC está configurando novas estruturas sociais e formas de organização nas quais os limites espaço-temporais tradicionais são colocados em xeque. (LALUEZA, 2010, p.58)

Situando-nos historicamente a partir da fala de Lalueza (2010), atualmente são múltiplos os serviços que passam a ser executados com a mediação do computador ou outro aparelho tecnológico, o que modifica, pois, o ritmo e o comportamento das pessoas, uma vez que a tecnologia vai sendo incorporada no nosso dia-a-dia sem que nos demos conta, fazendo com que nos tornemos íntimos dela em atividades que executamos seja no



trabalho, seja em casa, seja na escola/universidade, seja no trânsito ou caminhando pela rua, seja em demais espaços sociais.

Os sujeitos que se interagem diariamente com a tecnologia e dela se apropriam constituem a denominada “geração multitarefa”, pois estão todos em constante contato com a internet, com a TV, com computadores, smartphones, ipods, ipads etc (VANDRESEN, 2011).

Ocorre que, daqueles primeiros momentos desse século até hoje, o que aconteceu foi que a juventude apropriou-se das tecnologias e as transformou completamente, de um meio meramente receptor de informações para um meio de expressão de ideias e de manifestação da pluralidade e de cidadania. (PRETTO, 2010, p. 309)

Ao estar em contato com tanta tecnologia, acontece o que Pretto (2010) afirma na citação acima: o sujeito deixa de ser um mero receptor de informações e passa a se utilizar destes meios tecnológicos também como forma de construção e compartilhamento de ideias, conhecimentos, cultura, informações em rede.

Assim, um dos fatores que configura a interação homem x tecnologia na atualidade é o de sua manifestação através da rede, ora por sites de relacionamento social, ora por blogs, ou ainda por comentários em sites de informação ou entretenimento, isto é, de diversas formas o sujeito conectado em rede constrói e divulga ideias e informações, utilizando os aparelhos tecnológicos como uma extensão de suas ideias ou também como aprimoramento e ampliação delas.

Hoje, passamos a ter um conjunto de tecnologias que não mais operam na perspectiva de amplificar os sentidos, mas que passam a operar com as ideias propriamente ditas. Em outras palavras, máquinas que não mais estão apenas (apenas?!) a serviço do homem, mas que com ele interagem, formando um conjunto homem-máquina pleno de significado. (PRETTO, 2010, p. 310)

A partir dessa interação dos sujeitos com a tecnologia, com a rede e com tudo o que ela proporciona, faz-se importante pensar como podemos aproximar as ferramentas tecnológicas do campo educacional, de forma a contribuir no processo de ensino-aprendizagem dos alunos e também como forma de inclusão digital para os que delas ainda não se aproximaram. Isso porque ao mesmo tempo em que temos dentro da escola crianças,



jovens e adultos que fazem parte da “geração multitarefa”, também temos os alunos de todas as faixas etárias que, por diversos motivos, ainda não tiveram a oportunidade de se interagir com o mundo tecnológico a não ser passivamente ou por intermédio de outra pessoa.

Há, portanto, um novo desafio colocado à escola: que esteja preparada para trabalhar com os alunos que já estão conectados, compartilhando e se relacionando através da rede e, como também, que seja capaz de aproximar as tecnologias aos que delas ainda são estranhos, sujeitos que com dificuldade resistem numa sociedade quase que completamente tecnológica.

Esta exigência de que a práxis educativa nos meios escolares esteja acompanhando o ritmo da sociedade tecnológica é, pois, real, e tem de responder às várias necessidades que lhe são colocadas pela diversidade dos sujeitos com os quais trabalha,

Mas como? De quê forma? Essas indagações ecoam no íntimo de muitos educadores que buscam se manter atualizados frente às inúmeras mudanças tecnológicas e suas possíveis aplicações no ambiente educacional, tendo em vista as contribuições que podem trazer à prática educativa. (VANDRESEN, 2011, p. 12658)

Dessa forma, professores e demais agentes educacionais tem se voltado para o uso da tecnologia dentro do espaço escolar, tendo em vista que cada vez mais a sociedade nos coloca em contato com atividades que exigem de nós algum conhecimento sobre as tecnologias, sobre as ferramentas que dela derivam, sobre seus diversos usos e utilidades e, muitas vezes, necessidades das quais não podemos nos desvencilhar.

Contudo, como aponta Pretto (2010), há de se pensar de que maneira se dará essa aproximação da práxis educativa com o uso das tecnologias, para que de fato o aluno possa ser produtor e divulgador de ideias, informações, conteúdos e esteja conectado em rede de forma a não ser um mero reproduzidor passivo que não vê possibilidades práticas de aproximação entre tecnologia e conhecimento.

Essa escola, repleta de processos criativos, com sua inserção no ciberespaço, afasta, na prática, a ideia de uma escola distribuidora de informações,



verticalizadas e produzidas de forma centralizada, em que aos estudantes só resta a opção de consumir. (PRETTO, 2010, p. 315)

Nesse sentido, trataremos neste artigo de discutir os conceitos de mobilidade e interação com o mundo tecnológico através dos escritos de autores como Pretto (2008) e (2010), Lemos (2009), Lalueza (2010), Vandresen (2011) e Amiel (2012), buscando também relacionar este tema com o campo educacional e mais especificamente com a percepção de alunos de uma sala de EJA - Educação de Jovens e Adultos com os quais realizamos uma intervenção para a realização deste trabalho.

### **A Cultura da Mobilidade e o Acesso às Tecnologias**

A cultura da mobilidade não é uma novidade e não nasce com os dispositivos móveis digitais e redes sem fio; ela evolui de acordo com os períodos históricos e com o avanço das tecnologias. É fato que a modernidade ampliou as formas de mobilidade tanto no aspecto físico com os transportes, por exemplo, quanto no aspecto virtual com os meios de comunicação de massa; contudo, ela faz parte da evolução da cultura humana como um todo (LEMOS, 2009).

A cidade se concretiza a partir dos fluxos de mobilização, estes que por sua vez se opõe ao isolamento e à autonomia de pequenos vilarejos ou antigas aldeias, pois o que caracteriza a cidade é mistura e ampliação constantes (LEMOS, 2009). “As cidades contemporâneas são lugares de circulação e de dispersão, de exterioridades, privacidade e indiferença, um lugar de “inquietação” e turbulência” (CAIAFA, 2007 apud LEMOS, 2009, p. 28).

A questão da mobilidade é central para a discussão sobre o espaço urbano já que está no cerne de sua evolução, desde as primeiras necrópoles, passando pelos burgos medievais e a cidade industrial do século XX, com a expansão dos meios de transporte e das mídias de massa. Hoje, a cidade informacional do século XXI encontra na cultura da mobilidade o seu princípio fundamental: a mobilidade de pessoas, objetos, tecnologias e informação sem precedente. (LEMOS, 2009, p. 28)



Assim, pois a mobilidade acontece em duas diferentes dimensões: 1) a dimensão física - transporte de pessoas e objetos, e 2) a dimensão informacional – sistemas de comunicação. Ambas constituem uma tensa dinâmica entre o espaço público e privado e em demais relações extremas, as quais fazem parte de um movimento maior onde é produzida a política, a cultura, a sociabilidade, a subjetividade (LEMOS, 2009). Também as relações sociais se dão através de “movimento e repouso, isolamento e agregação, compulsão social e necessidade de isolamento” (LEMOS, 2009, p. 28).

Conforme diz Lemos (2009), não é possível dissociar comunicação, mobilidade, espaço e lugar uma vez que a comunicação é uma forma de “mover” informação de um lugar para outro, produzindo sentido, subjetividade, espacialização. Contudo, este “mover-se” nem sempre se dá de maneira livre, pois implica em dificuldades de acesso a informações e, por isso, mobilidade informacional se dá apenas através do poder de consumo. “Aqui a mobilidade física não é um empecilho para a mobilidade informacional, muito pelo contrário. A segunda se alimenta da primeira” (LEMOS, 2009, p. 29).

A comunicação, a mobilidade informacional e o deslocamento de pessoas ao redor do mundo se ampliam cada vez mais através da cultura da mobilidade, constituindo assim parte da evolução da cultura humana como um todo. Um exemplo disso são os deslocamentos de pessoas ao redor do mundo - migração, turismo, negócios, congressos, etc., como também a rápida informação que chega através das redes de telecomunicações (LEMOS, 2009).

Porém, este movimento de pessoas e informações se dá de maneira desigual. O acesso de cada sujeito a espaços reais ou digitais é condicionado pela condição material que possui, ou seja, por sua possibilidade de consumo. Não podemos estar em todos os lugares, participar de todos os eventos ou situações uma vez que a participação é permeada pelo acesso que tenho (ou não) a determinado espaço físico ou da rede. Em outras palavras, “as mobilidades física e informacional aumentam as ações sobre o espaço físico” (LEMOS, 2009, p. 31).



Nesse sentido, Lemos (2009) afirma que a cultura da mobilidade não é neutra, pois revela formas de poder, controle, monitoramento e vigilância, onde a potência varia de acordo com o indivíduo ou grupo social, segundo estruturas de poder. “Não há mobilidade sem imobilidade. Uma pressupõe a outra” (LEMOS, 2009, p. 29):

Pensemos, por exemplo, naqueles que se deslocam em transportes públicos e/ou privados, nos que têm acesso à internet por banda larga ou linhas discadas, nos que podem viajar o mundo e dos que nunca saem dos seus lugares de nascimento. Parece haver hoje uma correlação e ampliação dos poderes já que quanto maior a potência de mobilidade informacional-virtual, maior é a mobilidade física e o acesso a objetos e tecnologias. A mobilidade informacional (acesso rápido, pleno e fácil à informação) é correlata à potência (*motility*) da mobilidade física. Os que podem se movimentar mais facilmente pelo ciberespaço são também os que têm maior autonomia para o deslocamento físico e vice-versa. A cultura da mobilidade não é neutra, nem natural. (LEMOS, 2009, p. 29)

Fica clara na afirmação de Lemos (2009) que os sujeitos que tem autonomia para se deslocar em espaços digitais são os que também circulam com mais facilidade pelos espaços físicos e vice-versa, o que significa que enquanto alguns têm acesso a muitas coisas, outros não têm acesso a nada ou a quase nada. Isso resulta em um processo de desigualdade de oportunidades de participação em meios físicos ou da rede, pois

A mobilidade de uns se dá também em função da imobilidade de outros, já que existem diferentes graus de mobilidade que expressam diferentes poderes e controles contemporâneos (tipos de acesso a máquinas, redes, espaços físicos, espaços culturais, lingüísticos...). Diferentes mobilidades refletem diferentes hierarquias e geografias de poderes (MASSEY, 1997, apud LEMOS, 2009, p. 29).

Vivemos, pois, em uma sociedade com o modelo de pirâmide social, na qual alguns poucos privilegiados, que se situam no topo da pirâmide socioeconômica, são sustentados por uma grande base de excluídos. Este modelo se repete no acesso ao chamado mundo da cibercultura. E apesar de todas as políticas públicas de implantação de centros digitais e programas de introdução de computadores nas escolas, percebemos que os sujeitos conectados no Brasil são, em sua maioria, os pertencentes às camadas mais altas da sociedade (PRETTO, 2008).





Entender os princípios que caracterizam a estrutura de rede fortalece uma perspectiva de análise da realidade, na qual os sujeitos ocupam um espaço significativo de poder, exercendo a sua capacidade de alterar essa realidade, a partir das condições constituídas historicamente. (PRETTO, 2008, p.77)

Por isso quando se fala em estar conectado com qualquer parte do mundo, ou no acesso à diversidade de conteúdos e informações que a rede proporciona, não estamos falando de algo que abrange os brasileiros em sua totalidade. “Ao cidadão resta a sensação de estar integrado ao planeta, tão somente porque sabe o que está acontecendo longe de seu próprio contexto de vida” (PRETTO, 2008, p.77).

Existem oportunidades de apropriação dos meios de produção da informação que vão se popularizando na criação de condições para a ampliação de expressão e manifestação da pluralidade de outros pontos de vista, de outras culturas e realidades. Contudo, esse movimento não acontece sem que haja forte tensão, pois ele reflete a desigualdade de condições com que diferentes grupos sociais podem produzir informação (PRETTO, 2008). “A centralização da produção resiste com o intuito de manter e conservar essa ordem hegemônica, a qual concentra capital e poder” (PRETTO, 2008, p.78)

Para Pretto (2008), a condição para a transformação da ordem social é permeada pela capacidade de produção de informação e conhecimento, onde produzir de forma descentralizada significa ocupar espaços através das redes. E esta apropriação da cultura digital se torna imprescindível tendo em vista que estamos vivenciando um processo crescente de reorganização das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais, processo este que afeta aspectos da ação humana, que “inclui reorganizações da língua escrita e falada, as idéias, crenças, costumes, códigos, instituições, ferramentas, métodos de trabalho, arte, religião, ciência, enfim, todas as esferas da atividade humana” (PRETTO, 2008, p.78). Logo, estar privado da cultura digital significa estar privado deste processo, não acompanhando assim o desenvolvimento humano de relações e formas de expressão que se dão através da interação com os espaços digitais.



Como bem disse Milton Santos, nos lembra Pretto (2008), “toda forma de organização é também uma forma de constrangimento da produção de comportamentos livres”. Assim, torna-se necessário ir além dos obstáculos e considerar as possibilidades de transformação social a partir da produção de informação e conhecimento.

No contexto da cultura digital, é fundamental evidenciar o forte vínculo entre cultura e educação, para que as mudanças aconteçam “de modo irreversível e significativo” (PRETTO, 2008).

No campo da educação, formulamos a idéia de que a incorporação dessas tecnologias não pode se dar meramente como ferramentas adicionais, complementares, como meras animadoras dos tradicionais processos de ensinar e de aprender. As tecnologias necessitam ser compreendidas como elementos fundantes das transformações que estamos vivendo (PRETTO, 1986), buscando ser incorporadas através de políticas públicas para a educação que ultrapassem as fronteiras do próprio campo educacional, para, com isso, poder trabalhar visando ao fortalecimento das culturas e dos valores locais. (PRETTO, 2008, p.79/80)

É, portanto, a partir das possibilidades de organização em rede que a articulação entre a cultura digital e a educação se concretizam, de forma a garantir a apropriação criativa dos meios tecnológicos de produção de informação. “O acesso às tecnologias é fundamental, mas também ele precisa ser qualificado” (PRETTO, 2008, p.81).

A necessidade de políticas públicas que garantam às escolas e aos grupos comunitários o acesso livre à tecnologia é real, e deve ser pensada a partir de uma perspectiva que ofereça condições para a produção de cultura, conhecimento e informação, não cabendo às classes populares apenas o papel de cliente e consumidor de algo que já vem pronto daqueles que detém o acesso ao mundo tecnológico.

### **A percepção de alunos da EJA sobre a tecnologia**

Realizamos uma intervenção em uma sala de educação de adultos do município de Presidente Prudente-SP, localizada em um bairro periférico, no período noturno - horário regular de aula desta turma. A escola atende cerca de 370 alunos, matriculados desde a



educação infantil (maternal e pré-escola), ensino fundamental (alunos da 1ª a 5ª série) até a EJA – Educação de Jovens e Adultos.

O tema da intervenção foi “A tecnologia na nossa vida”. Introduzimos o tema com algumas imagens de revistas coladas em um cartaz, e também deixamos à disposição dos alunos objetos como notebook, celular e câmera, todos em cima da mesa onde estávamos sentados em volta. Estavam presentes quatro alunos, todos do sexo masculino e com mais de 45 anos.

A conversa se deu de forma tranquila, todos os alunos concordaram que a tecnologia é fundamental para a vida das pessoas, principalmente nos dias de hoje em que tudo é digital. Eles foram narrando situações corriqueiras onde sentiram a necessidade de saber utilizar o computador ou aparelhos tecnológicos como caixas eletrônicos, e disseram não querer “ficar para trás” sem dominar a tecnologia, seja para uso pessoal ou profissional.

Após alguns minutos de conversa, propus aos alunos a construção de uma lista das palavras-chave que foram surgindo no decorrer de suas falas, assim pude perceber o nível de escrita de cada um. Eles pediram para que nós mesmos escrevêssemos as palavras, fizemos isso em uma cartolina. Vejamos as palavras que compõe a percepção sobre a tecnologia a partir da visão de alunos da EJA:

**TECNOLOGIA: Importante; Ferramenta de Trabalho; Aproximação;  
Aprendizagem/Processo; Facilidade; Internet; Memória/Registro;  
Avanço; Necessidade; Pesquisa; Lazer/Cultura.**

Depois de pronta a lista de palavras-chave, pedimos para que a partir do que foi abordado na conversa, que eles fossem para o computador e registrassem da maneira que achassem melhor, utilizando as ferramentas que conhecessem do computador.



Como estavam em quatro alunos, dois deles que estão em processo de alfabetização realizaram a atividade juntos. Eles preferiram simplesmente registrar no computador a lista construída coletivamente; digitaram com dificuldade e, com nosso auxílio, inseriram marcadores na lista conforme fomos explicando que essa era uma forma de organizá-la; eles precisaram de ajuda também para salvar o documento.

Já os outros dois alunos, além de já estarem alfabetizados, já tinham maior domínio do computador, então preferiram fazer uma busca no *Google* sobre “tecnologia”; fomos conversando com eles sobre a confiabilidade dos sites que a busca mostra, eles leram então a definição de “tecnologia” do site *Wikipedia*, copiaram e colaram em um documento do programa equivalente ao Word do sistema Linux (sistema que a escola dispõe), e fizeram também uma busca de imagens no *Google*, escolhendo uma e inserindo-a no documento.

Ao final da aula fizemos uma avaliação oral de tudo o que conversamos no início e da atividade que desenvolveram no computador. Alguns falaram sobre as dificuldades e aprendizagens que vivenciaram e se comprometeram a insistir mais a utilizar a tecnologia quando às vezes fugiam dela.

### **Considerações Finais**

A partir das falas dos alunos da EJA, percebemos o quanto as discussões trazidas por Pretto (2008/2010) e Lemos (2009) se concretizam, onde os alunos, que depois de adultos retornam à escola, sentem a necessidade de se aproximar não só da alfabetização, mas também do computador nas aulas de informática como forma de incluir-se digitalmente no mundo tecnológico e dele fazer parte como sujeito ativo. E mais que isso, através das falas dos educandos percebemos que eles têm noção de que não estão acompanhando o avanço tecnológico a partir de suas relações pessoais e de trabalho, e afirmam não querer “ficar pra trás”, confessando que volta e meia fogem ao ter que utilizar o caixa eletrônico do banco ou as funções do aparelho celular ou computador.



Assim, analisando as palavras-chave que surgiram no decorrer da discussão do tema “A tecnologia em nossas vidas” na intervenção que realizamos, entendemos que estes sujeitos adultos que estão em processo de escolarização antes não se interagiam com o mundo digital, mas nem por isso deixam de valorizá-lo. E apesar do fato de ainda não constituírem parte dos criadores e divulgadores de conhecimentos, ideias, informações na rede, estão caminhando para isso ao entrarem em contato com conhecimentos práticos do uso do computador ao digitar um texto, aprender a salvá-lo, a formatá-lo, a criar uma pasta dentro das aulas de informática na EJA.

Eles se encontram em um processo de descoberta de tudo o que a interação homem x tecnologia pode proporcionar em suas vidas, e a escola é a mediadora dessa descoberta, é o espaço de promoção do acesso ao mundo tecnológico para esses alunos da EJA, situação que por vezes acontece também com crianças, adolescentes e jovens das camadas mais baixas.

Assim, cabe à escola estar preparada para atender às diversas necessidades dos alunos, aproximando a práxis educativa do ritmo da sociedade tecnológica, de forma a criar condições para que os alunos sejam acima de receptores de informações e conhecimentos, também produtores e divulgadores de suas próprias ideias, culturas, informações, colaborando com a diminuição das desigualdades de acesso às tecnologias no nosso país.

Em um célebre debate entre Paulo Freire e Seymour Papert, Freire defende que a escola deve estar à altura de seu tempo, e para tal não é preciso “soterrá-la, sepultá-la, mas... refazê-la”. Defende que devemos sustentar a possibilidade de “determinado espaço e tempo onde determinadas tarefas se cumprem, sociais e não só individuais, históricas, políticas [...]”. (PUC-SP, 1995 apud AMIEL, 2012, p.22)

Refazendo-se as práticas educativas sobre a perspectiva de uma escola que acompanha o seu tempo, será possível o trabalho com as tecnologias considerando as necessidades de aprendizagem e interação dos alunos e também de professores e gestores, configurando uma dimensão social que possibilita acesso e condição de promoção de cultura, conhecimento, ideias e informações no âmbito real e digital.



Segundo Amiel (2012), a integração de novas mídias na educação pode contribuir na superação da hierarquia como tradicionalmente acontece o trabalho com as tecnologias nas escolas, de cima para baixo, determinada por uma instância superior. Este autor defende as Práticas Abertas que, de acordo com ele, trazem potencial para a experimentação e a criatividade dos professores e gestores, além de encorajá-los à experimentação com atividades, técnicas, planos, modelos e configurações no sentido de

Fomentar por meio de práticas, recursos e ambientes abertos, variadas configurações de ensino e aprendizagem, mesmo quando essas aparentam redundância, reconhecendo a pluralidade de contextos e as possibilidades educacionais para o aprendizado ao longo da vida. (AMIEL, 2012, p. 19)

Concordamos com Pretto (2010), quando afirma que a escola se constitui em uma verdadeira plataforma de integração e articulação ao promover interações entre os sujeitos, entre si e com as tecnologias, dos múltiplos contextos e das múltiplas subjetividades inerentes à espécie humana, sendo um lugar específico como possibilidade de conexões com outros lugares também específicos, “promovendo entrelugares, fruto dessas relações singulares” (p. 313).

Ele fala ainda de interação e troca entre produtos culturais, recombinação, remixagem, produção de novas culturas, produtos e conhecimentos, tudo isso no campo educacional, inclusive como forma de retomada do papel de liderança acadêmica do professor que, em conjunto com os alunos, interage no labirinto de possibilidades de interação que é a escola (PRETTO, 2010).

Pensamos que um trabalho que de fato aproxime as tecnologias das práticas educativas na escola, conforme se apresentam as propostas pedagógicas de Pretto (2010) e Amiel (2012), contribuirá na superação da desigualdade de acesso não só ao mundo letrado, mas ao mundo digital. E essa superação coloca o sujeito antes apenas receptor num patamar de criador, de protagonista, de produtor de cultura em espaços reais e digitais, diminuindo as barreiras invisíveis de acesso que são condicionadas pelo poder aquisitivo.



Dessa forma, através do papel social da escola de superação das desigualdades sociais, será possível avançar na crítica expressada na canção *A Cidade* do poeta e compositor nordestino Chico Science, que faz todo o sentido quando pensamos no conceito de mobilidade aqui apresentado:

### A Cidade - Chico Science

O sol nasce e ilumina  
 As pedras evoluídas  
 Que cresceram com a força  
 De pedreiros suicidas  
 Cavaleiros circulam  
 Vigiando as pessoas  
 Não importa se são ruins  
 Nem importa se são boas

E a cidade se apresenta  
 Centro das ambições  
 Para mendigos ou ricos  
 E outras armações  
 Coletivos, automóveis,  
 Motos e metrô  
 Trabalhadores, patrões,  
 Policiais, camelôs

A cidade não pára  
 A cidade só cresce  
 O de cima sobe  
 E o de baixo desce  
 A cidade não pára  
 A cidade só cresce  
 O de cima sobe  
 E o de baixo desce

A cidade se encontra  
 Prostituída  
 Por aqueles que a usaram

Em busca de uma saída  
 Ilusora de pessoas  
 De outros lugares,  
 A cidade e sua fama  
 Vai além dos mares

E no meio da esperteza  
 Internacional

A cidade até que não está tão mal  
 E a situação sempre mais ou menos  
 Sempre uns com mais e outros com  
 menos

A cidade não pára  
 A cidade só cresce  
 O de cima sobe  
 E o de baixo desce  
 A cidade não pára  
 A cidade só cresce  
 O de cima sobe  
 E o de baixo desce

Eu vou fazer uma embolada,  
 Um samba, um maracatu  
 Tudo bem envenenado  
 Bom pra mim e bom pra tu  
 Pra gente sair da lama e enfrentar os  
 urubus



Num dia de sol, recife acordou

Com a mesma fedentina do dia anterior.





## Referências Bibliográficas

AMIEL, T. Educação aberta: configurando ambientes, práticas e recursos educacionais. In: SANTANA, B.; ROSSINI, C.; PRETTO, N. de L. (Org) **Recursos Educacionais Abertos**: práticas colaborativas e políticas públicas. Salvador: Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012. p. 17-33.

LALUEZA, J. L.; CRESPO, I.; CAMPS, S. As tecnologias da informação e da comunicação e os processos de desenvolvimento e socialização. In: COLL, C.; MONEREO, C. (Org.). **Psicologia da Educação Virtual**: aprender e ensinar com as Tecnologias da Informação e da Comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 47-65.

LEMOS, A. Cultura da mobilidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 40, p. 28-35, dez. 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/6314/4589>.

PRETTO, N de L. Cultura digital e educação: redes já! In: PRETTO, N; SILVEIRA, S. A. (Org). **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador, Edufba, 2008.

PRETTO, N. de L. Redes colaborativas, ética hacker e educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 305-316, dez, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a15.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2013.

VANDRESEN, A.S.R. **WEB 2.0 E Educação** – usos e possibilidades . Anais do EDUCERE. Disponível em <[http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5752\\_3325.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5752_3325.pdf) > Acesso em 15/12/2012.